

Os ditos “nativos digitais” que são analfabetos digitais: os desafios do uso da internet em sala de aula

Ronaldo Campos¹, Silvia Gomes Pêgo^{2*}

¹Docente da Rede Pública Estadual de Minas Gerais. Docente Preceptor do Programa de Residência Pedagógica de História. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), 30535-901, Belo Horizonte/MG, Brasil

²Residente do Programa Residência Pedagógica de História de out 2022 à jan 2024. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), 30535-901, Belo Horizonte/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: sylvie.brasil@gmail.com

Submetido em: 19 abr. 2026. Aceito em: 13 jul. 2026

Resumo

O objetivo deste artigo é relatar a experiência da implantação de um projeto de letramento digital nas aulas de História em turmas do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual de Minas Gerais, analisando os desafios enfrentados pelo corpo docente neste processo. Este relato de experiência adota uma abordagem qualitativa, articulado a uma revisão bibliográfica crítica sobre letramento digital, ensino de História e emprego de tecnologias digitais na educação. Entre as várias circunstâncias desafiadoras identificadas e problematizadas ao longo da exposição, a mais destacada é a ausência de políticas públicas educacionais de combate ao analfabetismo digital. Embora os ditos “nativos digitais” estejam diariamente em contato com as tecnologias de informação e comunicação, não sabem utilizá-las com propriedade no cotidiano, o que compromete a sua inserção na atual sociedade digital interconectada.

Palavras-chave: Letramento Digital, Ensino de História, Ensino Médio, Educação Brasileira.

Abstract

The so-called "digital natives" who are digitally illiterate: the challenges of using the internet in the classroom

The objective of this article is to report on the experience of implementing a digital literacy project in History classes in high school students at a public school in the state of Minas Gerais, analyzing the challenges faced by the teaching staff in this process. This experience report adopts a qualitative approach, articulated with a critical bibliographic review on digital literacy, History teaching, and the use of digital technologies in education. Among the various challenging circumstances identified and discussed throughout the exposition, the most prominent is the absence of public educational policies to combat digital illiteracy. Although so-called "digital natives" are in daily contact with information and communication technologies, they do not know how to use them effectively in their daily lives, which compromises their integration into today's interconnected digital society.

Keywords: Digital Literacy, History Teaching, High School, Brazilian Education.

Introdução

A investigação desenvolvida neste artigo mostra os desafios que os professores(as) do Ensino Médio enfrentam ao trabalhar o letramento digital em sala de aula, visando identificar os obstáculos e propor soluções para sua superação. Ela surgiu a partir da tentativa de implementação de um projeto de letramento digital nas aulas de História em turmas do Ensino Médio em uma escola da rede pública estadual de Minas Gerais.

A pesquisa foi realizada mediante uma metodologia qualitativa, combinada com uma breve revisão bibliográfica, em que se analisou a literatura sobre letramento digital, ensino de História e uso de tecnologias digitais na educação, além do relato da experiência, conforme mencionado.

O Ensino Médio, a partir do ano de 2022, sofreu mudanças significativas, gerando debates calorosos e polêmicas controversas. Entre os pontos mais relevantes, destaca-se a proposta de uma formação integral dos alunos, visando prepará-los para os desafios do século XXI. Nesse contexto, o letramento digital se posiciona como um elemento central nesse processo de transformação.

A ideia de letramento está profundamente vinculada e é frequentemente confundida com o processo de alfabetização, porém é um conceito extremamente abrangente e aberto. Muito utilizado em trabalhos e projetos do campo da pedagogia, a expressão "letramento" é relativamente recente e tem a sua origem no termo de língua inglesa *literacy*, substantivo que pode ser traduzido para a língua portuguesa como letrado, alfabetizado, culto ou escolarizado. Segundo Lima Neto e Carvalho (2022, p. 02), a gênese do termo se dá a partir da obra de Paul Gister, *Digital Literacy* (1997), na qual a ideia de letramento digital é concebida como "uma forma de habilidades de

produção, de compreensão e de uso crítico das informações, quando estas são circuladas a partir de computadores", isto é, a utilização das inovações tecnológicas deve se dar de modo crítico, exigindo "reflexividade dos sujeitos em práticas digitais". No contexto do processo de ensino-aprendizagem, o termo letramento vai além da alfabetização, em outras palavras, da capacidade de ler e escrever. Contudo, esse processo está ancorado nas competências ligadas à escrita e à leitura.

De acordo com Goulart (2014, p. 10), "o termo letramento se forjou no Brasil no mesmo movimento das ações compensatórias, constituindo-se ele próprio, a nosso ver, como uma estratégia desta natureza também". A pessoa letrada não se limita ao domínio das "letras e suas respectivas literaturas", por isso, é importante superar a concepção de leitura e escrita realizadas de forma mecânica. Isso não garante a uma pessoa a interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade; é preciso compreender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. Nesse sentido, o letramento se refere às práticas daquelas pessoas que conseguem ir além da leitura e da escrita, fazendo no seu dia a dia um uso crítico e contextualizado do ato de ler e escrever.

Neste sentido, o letramento pode ser relacionado a um conjunto de práticas sociais que permitem ao estudante desenvolver as habilidades e competências de compreender, analisar e produzir diferentes tipos de textos, inserindo-se de forma crítica e autônoma na sociedade. Isso porque "letrar é mais que alfabetizar, mas não podemos separar os dois processos: no primeiro, o estudante tem contato com o ensino das técnicas da leitura e da escrita – a alfabetização –; no segundo, desenvolvendo as habilidades que

envolvem o uso da leitura e da escrita, ele adquire o letramento” (Justo; Rubio, 2013, p. 04).

O termo “letramento digital” é bastante complexo e o seu sentido pode ser apresentado de muitas formas, porque a gama de tecnologias digitais implica uma multiplicidade de práticas sociais e uma grande variedade de ferramentas digitais, podendo ser configurado como prática social ligada à escrita e à leitura, a partir de ferramentas tecnológicas. É um processo que pode ser definido como multiletramentos: uma mistura de vários outros tipos de letramentos, como por exemplo, o letramento visual, o letramento literário, o letramento científico, entre outros.

Panorama das transformações na escola mediadas pelas tecnologias digitais

No mundo contemporâneo, globalizado e interconectado, a *World Wide Web* (que, em língua portuguesa, foi traduzida como Rede Mundial de Computadores ou internet) introduziu novas formas de linguagens que, por sua vez, provocaram alterações no nosso modo de ler e escrever, que podem ser facilmente observadas nas redes sociais, em *blogs* e em outros contextos digitais produzidos pelas novas gerações após 1980, também conhecida como “nativos digitais”.

Essa geração surgiu no início da última década do século XX, em um período em que as transformações digitais foram mais intensas. É a primeira geração imersa quase que totalmente nas diversas facetas da tecnologia, vivendo imersos em diferentes comunidades de aprendizagens, abrindo várias janelas ao mesmo tempo. São especialistas em bricolagem e soluções improvisadas. De acordo com Rensky (2001, *apud* Lemos, 2009, p. 39), “os nativos digitais são acostumados a receber informação muito rápido.

Eles gostam de processos paralelos e ao mesmo tempo. Eles preferem gráficos a textos. Utilizam acessos randômicos como hipertextos e funcionam melhor em rede”.

Nesse novo contexto, a hipermídia surgiu como uma nova forma de linguagem, trazendo consigo novos modos de pensar, agir e sentir (Santaella, 2004). Antes da expansão do mundo digital, os suportes estavam separados e eram considerados incompatíveis entre si, ou seja, não existia convergência entre texto escrito, o audiovisual e os recursos da informática. O estudante tinha acesso à informação através de uma educação (formal e informal) tradicional. Na escola, o professor(a) era fundamental, direcionava e guiava todo o processo de ensino-aprendizagem. Hoje em dia, com a popularização de computadores e *smartphones* conectados à internet, os estudantes têm, à sua disposição, muitos recursos tecnológicos para auxiliá-los.

Essas tecnologias deixaram marcas profundas no comportamento das pessoas, estimulando novas formas de agir e pensar, produzindo outras maneiras de ler e escrever. Por exemplo, através da internet o texto se torna mais complexo, com inúmeros recursos e possibilidades. A hipermídia, por exemplo, é uma estrutura que consegue integrar, sem suturas, de maneira fluida e harmoniosa, informações, imagens e sons em um só ambiente de informação digital. É, simultaneamente, maleável, não linear, sem começo, meio ou fim. Possuindo inúmeros recursos disponíveis, como por exemplo, *links*, janelas, blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas, no meio digital denominadas hiperligações. Como Santaella afirma, “quando concebidos em forma digital as ideias tomam outra forma não linear” (Santaella, 2004, p. 94).

Essa nova forma de estruturação, como mostra a autora, permite a hibridização das matrizes de linguagem e de pensamento, exigindo um leitor capaz de interagir dinamicamente com os novos suportes e estruturas para cooperar na sua realização. “Navegar” na rede mundial de computadores exige uma interação direta entre o sujeito que busca a informação e o sistema de computadores. O leitor no mundo digital é livre para escolher o seu próprio percurso, tornando-se quase um coautor que irá navegar por meio de *links* e atalhos, os quais irão permitir transitar de uma informação a outra.

O texto na internet com todos os seus recursos e acessos, dirige e orienta aquele que navega em busca de informação. Atua e age guiando-o em um processo de que emergirá, na sua totalidade ou de modo parcial, o conhecimento. Sendo ativo mesmo antes de ser consultado; dinâmico e propulsor antes mesmo de conclusivo e satisfatório. Total em seu movimento, antes de apoiar-se em si mesmo, recolhido em torno de seu próprio centro. Nesse contexto, o “navegador” deverá saber fazer as “perguntas certas” (ou mais adequadas) para conseguir as informações que busca.

As tecnologias digitais revolucionaram o nosso modo de ser, sentir e ver o mundo, trazendo para a escola novos desafios a partir de novos suportes para a leitura e a escrita. No cotidiano de nossas escolas, é cada vez mais comum o uso, pelos estudantes, de *laptops*, *tablets* ou *smartphones* para realizarem a leitura, as anotações e a produção de textos. Firpo e Pieri (2012) destacam que a intensificação do acesso aos recursos tecnológicos digitais está diretamente relacionada à ideia de ampliar o acesso dos estudantes às tecnologias de informação e comunicação, como o computador e o acesso à internet, para provocar a melhoria no

desempenho dos estudantes brasileiros em exames de proficiência padronizados. “Integrar informática ao processo de aprendizado tradicional em um país emergente compensaria, de certa forma, o baixo preparo dos professores[as] e tornaria a escola mais atrativa aos alunos”, conforme Firpo e Pieri (2012, p. 155); contudo, é equivocada a ideia de que apenas informatizar a educação (de forma isolada e descontextualizada) bastaria para transformar radicalmente o processo de ensino-aprendizagem.

Esses autores mostram que as evidências dos efeitos positivos desse programa são inconclusivas ou, pelo menos, não consensuais. O programa de informatização das escolas (nos vários lugares onde foi implementado) não teve o impacto esperado sobre linguagem e leitura, apesar de observarem certa melhora em algumas habilidades de linguagem específicas:

De forma geral, a literatura mostra que o simples acréscimo de computadores e outros equipamentos de informática traz pouco impacto sobre o desempenho dos alunos ou até mesmo impacto negativo. Outra consideração relevante é a de que as tecnologias de informação devem atuar de modo complementar ao ensino e não substituir totalmente o método tradicional, conforme se observou nos experimentos citados em Israel e na Índia. Além disso, parece ser fundamental o treinamento dos professores para o uso da tecnologia, bem como a introdução de incentivos para que estes se dediquem a utilizar os novos equipamentos (Firpo; Pieri, 2012, p. 157).

É necessário ir além da introdução mecânica e automática de recursos digitais na escola. Faz-se isso compreendendo as novas práticas de

leitura e escrita mediadas pelas novas tecnologias digitais, estabelecendo novas habilidades e competências para a formação dos leitores digitais, rompendo com a educação bancária e estimulando um sujeito crítico capaz de solucionar novos problemas apresentados pelo seu contexto social e valorizando os aspectos interpretativos do conhecimento humano, ao mesmo tempo que consegue delimitar uma problemática que é muito mais ontológica do que exclusivamente gnoseológica.

Nesse novo cenário, os professores(as) têm um papel de destaque no processo de formação crítica e cidadã. Os educadores(as) possuem, no cotidiano de suas aulas, a oportunidade de desenvolver algumas competências importantes. Dentre elas, o letramento digital, que pode ajudar tanto na criação de uma aprendizagem inovadora como também no desenvolvimento das habilidades e competências dos estudantes que garantiriam uma aprendizagem significativa.

Como já mencionado, o termo “letramento digital” e os seus correlatos ainda são novidades para muitos, o que gera muitos questionamentos. Buckingham (2010) nos lembra que grande parte das discussões sobre letramento digital se restringem aos aspectos ligados à informação, ignorando outros usos culturais mais abrangentes da internet, especialmente no contexto da educação dos jovens:

Boa parte da discussão parece assumir que a informação possa ser avaliada simplesmente em termos de sua exatidão factual. Nessa perspectiva, o indivíduo digitalmente letrado é aquele que faz buscas eficientes, que compara uma série de fontes e separa os documentos confiáveis dos não confiáveis e os relevantes dos irrelevantes [...] há pouco reconhecimento dos aspectos simbólicos

ou persuasivos da mídia digital, das dimensões emocionais de nossos usos e interpretações dessas mídias, ou mesmo dos aspectos da mídia digital que excede a mera informação (Buckingham, 2010, p.48).

O processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar não pode ser separado do seu contexto cultural. Estando quase sempre mediado por algum tipo de tecnologia digital, cultura e tecnologia estão cada vez mais entrelaçadas, o que exige a redefinição da aprendizagem e do letramento. Em primeiro lugar, não é possível reduzir o sentido de letramento à ideia de “letramento computacional”. Isso porque o letramento digital ultrapassa, e muito, a simples aquisição de habilidades operacionais da máquina. Não é um saber puramente instrumental (ou funcional) e nem se resume ao mero ato de usar adequadamente o computador para realizar pesquisas na web ou usar as redes sociais. Pelo contrário, o termo implica necessariamente as capacidades que um indivíduo deve possuir para ser capaz de produzir conhecimentos significativos nos meios digitais; inclui tanto a capacidade de “navegar” no universo digital de forma crítica, criativa e autônoma, como também a exploração de seus recursos para a construção e o compartilhamento de conhecimento significativo.

O letramento digital exige dos estudantes a capacidade de interpretar e analisar criticamente informações em diferentes formatos digitais, comunicar-se de forma eficaz e ética em diversos ambientes virtuais; criar e produzir conteúdos digitais relevantes e inovadores e utilizar as tecnologias digitais de forma consciente e responsável. Silva *et al*, (2020, p.23) nos mostra que ele pressupõe a utilização autônoma dos recursos disponíveis para desenvolver habilidades operacionais, informacionais e estratégicas nos

estudantes. No entanto, é importante destacar que, na maioria dos casos, com exceções pontuais, os estudantes dominam apenas as habilidades operacionais (quando dominam):

[...] a fluência destacada [...] diz respeito, majoritariamente, à habilidade técnica. Sob essa perspectiva, basta que os alunos saibam “mexer em botõeszinho”, independente do aparato tecnológico utilizado, para serem considerados proficientes. Ou seja, ligar e desligar computadores, *tablets* e *smartphones* e fazer *downloads* de *softwares* e aplicativos diversos parecem ser compreendidas como habilidades suficientes para que esses jovens sejam considerados letrados digitalmente. Contudo, a habilidade técnica apenas contempla aquilo o que van Dijk (2005) define como habilidade *operacional*, o primeiro e o mais básico dos três elementos que compõem o letramento digital [...] (Pischetola; Heinsfeld, 2018, p.05, grifos das autoras).

A falta de tempo ou interesse em explorar e dominar as ferramentas digitais pode impedir que muitos indivíduos desenvolvam essa capacidade crucial para o letramento digital completo (Silva *et al*, 2020).

A infrutífera tentativa de letramento digital

Os ditos “nativos digitais” que, no senso comum, acredita-se que “nascem sabendo” manusear os dispositivos digitais, quando são demandados a utilizá-los à exceção do entretenimento, simplesmente não o conseguem.

Lamentavelmente, a maioria dos jovens, não conseguem enxergar o amplo potencial das tecnologias digitais.

Na atualidade, o *smartphone* se transformou numa extensão do corpo humano, um fenômeno que atinge crianças, jovens, adultos e idosos, porém isso não significa que os indivíduos o utilizam com propriedade. Esse fenômeno, que desconhece qualquer obstáculo, atinge todas as classes sociais e se faz presente em praticamente todos os espaços, sejam formais ou informais.

Na escola pública em que ocorreu a tentativa de letramento digital, não é diferente. Os estudantes do 3º ano do Ensino Médio¹ do turno da manhã foram o público-alvo desta ação pedagógica executada em agosto/2023. Participaram da iniciativa 4 das 8 turmas, compostas por cerca de 30 estudantes cada². A ideia surgiu a partir da observação do uso inoportuno do *smartphone* pelos estudantes durante as aulas de História. Essa observação foi discutida e analisada durante as reuniões semanais online entre o professor preceptor e as residentes e transformada em intervenção educativa. Imaginou-se que utilizar uma mídia social, no caso o *Instagram*, amplamente conhecida e utilizada, como ferramenta de ensino-aprendizagem seria algo atrativo para os discentes. Como bons nativos digitais, eles, em sua maioria, possuem familiaridade e gosto tanto por essa como por outras redes sociais digitais. Sendo assim, pensou-se que a maioria deles iria se engajar no projeto de letramento digital, porém não foi o que ocorreu.

O letramento digital compunha o projeto intitulado “Mudanças e Permanências na

¹ O Novo Ensino Médio (NEM) ainda não havia sido implantado nas turmas do 3º do Ensino Médio, no ano de 2023, em Minas Gerais.

² A quantidade de estudantes variava em função de faltas ou remanejamentos de início do semestre letivo.

Formação da Consciência Histórica³ dos Discentes”, que envolvia outras ações pedagógicas com foco em metodologias ativas de ensino-aprendizagem. O mote do projeto era atuar sobre a consciência histórica dos estudantes utilizando o meio digital. Observou-se, nas aulas de História, que a maioria dos estudantes não conseguiam perceber a ligação entre o passado abordado na aula e o presente que eles vivenciam. Eles não conseguem se ver como sujeitos históricos inseridos num processo histórico em curso e como são afetados por ele.

Observou-se que a maioria dos estudantes desta escola pública estadual⁴, situada na região central da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais, possui um *smartphone* com acesso à internet, o qual comumente está à vista, seja em suas mãos ou em cima de suas respectivas carteiras. Constatou-se também que o fato de possuírem um computador na palma da mão não significa que eles, em sua maioria, saibam o potencial que o equipamento possui para produção e aquisição de conhecimento e informação. É inegável que informação e conhecimento conferem poder a um indivíduo!

A maioria dos estudantes, ao serem perguntados se têm o hábito de acompanhar os noticiários, responderam que não, embora tenham à mão um aparelho conectado à internet basicamente o dia todo. O filme se repete: perpetua-se o modo tradicional e acrítico de

adquirir os conhecimentos sobre História. E a pergunta que não quer calar é por que isso acontece, se a informação e o conhecimento na atualidade estão na palma da mão?

Para tentar minimizar a situação exposta acima, uma das residentes (Sílvia Gomes Pêgo) elaborou e publicou três *posts*, em formato de carrossel, no perfil do *Instagram*, criado para divulgar as atividades realizadas no âmbito do Programa Residência Pedagógica de História da PUC Minas e as atividades realizadas com e pelos estudantes que há algum tempo não era utilizado. Todavia, devido a alguns contratempos envolvendo este perfil, houve a necessidade de criar outro na mesma rede social, onde os *posts* foram repostados. Essas postagens contêm dicas de portais de notícias locais, nacionais e internacionais da mídia hegemônica e independente, que têm perfil no *Instagram*, *podcasts* e canais do *YouTube* de divulgação científica, sobretudo de História, na perspectiva da História Pública⁵.

O intuito era que os estudantes acessassem os referidos *posts* e acompanhassem os produtores de conteúdo sugeridos. Embora o perfil e os *posts* tenham sido divulgados nas turmas, poucos tiveram a curiosidade de ao menos consultar. Parece que, para a maioria dos discentes, o *Instagram* se resume a uma plataforma de exposição de uma realidade, independentemente se verídica, fictícia ou

³ Consciência histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo (Martins, 2019, p. 55).

⁴ O prédio histórico da escola, tombado pela administração pública estadual e que demandava por reforma, foi parcialmente danificado por um incêndio que ocorreu no início do primeiro semestre de 2023. Este

evento ocasionou o realocamento de parte da comunidade escolar, incluindo as turmas do Ensino Médio do turno da manhã, para outro prédio próximo ao anterior, porém inadequado para abrigar estudantes da educação básica.

⁵ O historiador Bruno Leal Pastor de Carvalho entende “a História Pública como uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos” (Carvalho, 2017, s/p).

paralela. É como se os estudantes não conseguissem compreender que as redes sociais também podem ser usadas para fins práticos,

precisamente educativos, tais como produção e disseminação de informação e conhecimento.

A Figura 1 mostra as capas dos *posts* mencionados anteriormente.



Figura 1. Capas dos posts com dicas de mídias de comunicação, podcasts e canais do *YouTube*.

Fonte: Posts elaborados pelos autores.

Segue o detalhamento do projeto (Quadro 1), que, embora envolva outras ações, tinha por ação prioritária o letramento digital.

Quadro 1. Detalhamento do projeto pedagógica envolvendo letramento digital. Mudanças e Permanências na Formação da Consciência Histórica dos Discentes.

Público-alvo	Estudantes do 3º ano do Ensino Médio, individualmente e em grupo
Objetivo	Desenvolver a capacidade de articular passado e presente na perspectiva do desenvolvimento de consciência histórica crítica ⁶
Recursos	Computador, <i>smartphone</i> , aplicativos de <i>e-mail</i> ; de <i>design</i> ; de produção de vídeo; de produção de texto; banco de imagens, <i>gifs</i> , etc.; ferramentas de pesquisa; entre outros
Metodologias	- Os estudantes foram orientados a seguir, no <i>Instagram</i> , os portais de notícias sugeridos no post “Mídias de Comunicação” e ao acompanhar as notícias diariamente, fora do horário da aula, perceber como uma mesma notícia é veiculada por diferentes veículos de comunicação e perceber a presença das permanências do passado, estudado em sala de aula, nas notícias

⁶ [...] Rüsen sistematizou um conceito de “tipologia geral do pensamento histórico” (Rüsen, 2010, p. 61), expondo que existem quatro tipos de consciência histórica: Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética. [...] Em relação à consciência do tipo crítica “[...] as experiências temporais serão empregadas de modo que o afirmado modelo de interpretação da vida prática será anulado e será feito valer as necessidades e interesses subjetivos” (Rüsen in Barca *et al.* 2010, p. 46). Sendo assim, o

indivíduo nega alguns valores ratificados pela sociedade, num processo que ocorre quando ele se percebe inserido num presente concatenado ao passado, mas que por sua vez não dita mais as ordens, pois as estruturas estão em constantes mudanças, e tentar inserir o passado ou legitimar o presente somente através de seus exemplos não seria possível. Afinal, o presente segue uma constante de rupturas e continuidades (Marrera; Souza, 2013, p. 1073 e 1076) (vide Quadro 1).

	do presente⁷. Foi sugerido aos estudantes que salvassem, em uma pasta⁸ criada no próprio aplicativo, o <i>Instagram</i>, os <i>posts</i> de notícias que apresentam, no ponto de vista deles, alguma relação com as temáticas estudadas, para posterior debate em sala de aula; - Havia a previsão dos estudantes produzirem conhecimento no <i>Instagram</i>, por meio de <i>posts</i> criados por eles, em grupo, com tema a ser definido pelo professor(a), tendo como referência <i>posts</i> de perfis de divulgação científica no âmbito da História. Os <i>posts</i> produzidos pelos estudantes seriam postados no perfil criado para esta finalidade. Esta tarefa incluiria o uso de aplicativos de <i>design</i>, <i>e-mail</i>, bancos de imagens, <i>gifs</i>, etc., produção de vídeos, pesquisa em fontes confiáveis de informação para elaboração de textos, entre outros; - Havia a previsão de aplicação da metodologia da sala de aula invertida utilizando algum dos episódios de <i>podcasts</i> e/ou vídeos dos canais do <i>YouTube</i> indicados nos <i>posts</i> supracitados (vide Figura 1). Os estudantes seriam instruídos a ouvir ou assistir previamente em casa um conteúdo de História cuja temática seria tratada posteriormente em sala de aula. Na aula, os estudantes seriam convidados a expor, como num seminário, o que eles haviam compreendido do conteúdo numa aula dialogada.
--	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

Um dos pressupostos do letramento digital era estimular os estudantes a serem produtores de conhecimento e não somente consumidores, no decorrer da execução do projeto. No segundo

semestre de 2023, foi dado início à implementação do projeto em uma aula, cujo roteiro está no Quadro 2.

Quadro 2. Roteiro da aula inicial. Letramento Digital: uso do *Instagram* como fonte de informação.

Objetivo	Ensinar os estudantes a utilizar o <i>Instagram</i> como fonte de informação a ser usada nas aulas de História.
Metodologia	Orientar os estudantes a seguir perfis de portais de notícias da mídia hegemônica e da mídia independente no <i>Instagram</i> .
Recursos	Computadores (sala de informática da escola) e <i>smartphone</i> pessoal.
Conteúdo	Reflexão sobre a assertiva: - “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (Marc Bloch. <i>Apologia da História ou o ofício do historiador</i>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 65). - O que o autor quis dizer? Apresentação do perfil do <i>Instagram</i> do Projeto Residência Pedagógica de História da escola: - Uso do perfil para postagem de trabalhos de História em formato de <i>posts</i>, <i>podcasts</i>, etc - História Pública e Divulgação Científica (temas a serem tratados posteriormente). Apresentação do <i>post</i> “Mídias de Comunicação” (vide Figura 1). • Orientar os estudantes a seguir o perfil @diplomatiebrasil (<i>Le Monde Diplomatique</i> Brasil)⁹;

⁷ O autor Marc Bloch (2001, p. 65), afirma que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”, ou seja, não é possível compreender o presente sem articulá-lo com o passado que o ocasionou (vide Quadro 1).

⁸ O nome sugerido para a pasta foi “Aula de História” (vide Quadro 1).

⁹ Este veículo de comunicação não consta no *post* “Mídias de Comunicação” (vide Quadro 2).

	• Orientar os estudantes a seguir os perfis dos veículos de comunicação alistados no <i>post</i>; • Ensinar os estudantes a salvar <i>posts</i> a serem utilizados nas aulas de História e criar uma coleção no <i>Instagram</i> para colocá-los (sugestão de nome para a coleção: “Aula de História”); • Estimular os estudantes a adotarem o hábito de acompanhar as notícias do dia no <i>Instagram</i> (fora do horário das aulas).
--	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

No dia da aula (vide Quadro 2), a reserva da sala de informática ficou limitada a somente uma das turmas, devido à alta demanda pelo espaço por parte de professores(as) de outras disciplinas. Neste dia, a presente residente levou o livro físico *Apologia da História ou o ofício do historiador* para promover a reflexão, nas turmas, sobre uma das assertivas do autor Marc Bloch (vide Quadro 2). Aproveitando o espaço, no caso a sala de informática, o professor preceptor solicitou aos estudantes que acessassem o *e-book* do livro supracitado na internet para acompanharem a leitura de uma das afirmativas do autor (vide Quadro 2). Contudo, a maioria dos estudantes teve dificuldade para encontrar o *e-book* do livro, e quando o encontraram, tiveram dificuldade para localizar a página em que estava a afirmativa a ser examinada.

Quando foi solicitado que entrassem nos respectivos perfis do *Instagram* para a apresentação do perfil do Projeto Residência Pedagógica de História da escola e do *post Mídias de Comunicação*, muitos se recusaram a fazê-lo no computador da escola, uns alegaram não se lembrar da senha de acesso ao aplicativo e outros alegaram ter receio de que seus perfis fossem acessados por terceiros posteriormente. Esta atitude deu a entender que eles não sabiam que, ao abrir o perfil em outro dispositivo, tem que fechá-lo, e que podiam abri-lo no modo anônimo do *Chrome* (*browser* comumente utilizado) para não compartilhar os dados da navegação com

outras pessoas que usam o dispositivo ou mesmo apagar o histórico da navegação no *browser*. É no mínimo estranho os ditos “nativos digitais” não terem noção desses métodos de segurança.

Os estudantes das demais turmas tiveram que utilizar seus respectivos *smartphones* na aula, porém a maioria demonstrou pouco interesse em acessar o *post* com as sugestões de portais de notícia indicados e de segui-los, assim como a maioria dos estudantes que utilizou os computadores da sala de informática da escola. Muitos estudantes nem sabiam que podiam se manter informados pelo *Instagram* e outras redes sociais digitais. Como dito anteriormente, parece que a maioria dos estudantes consideram que as redes sociais servem apenas para ganhar dinheiro como influenciadores(as), ostentar, se expor, entre outras coisas. É preocupante o nível de desinformação da maioria dos estudantes quanto às notícias diárias, inclusive relativamente recentes, mesmo tendo um *smartphone* conectado à internet em suas mãos. Parece que eles veem o próprio *smartphone* mais como um dispositivo para entretenimento do que para a realização de tarefas práticas do dia a dia.

A reportagem do jornal *Estado de São Paulo*, publicada no dia 04 de março de 2024, intitulada ‘*Geração digital*’ tem dificuldade ao usar computadores e enfrenta desafios no mercado de trabalho, corrobora a discussão desenvolvida neste texto. Segundo a jornalista Alice Labate:

[A] chamada [...] “geração da tecnologia”, a geração Z é conhecida por ser conectada desde cedo, já que os nascidos entre 1995 e 2010 experimentaram o mundo digital desde muito crianças. Ainda assim, ao iniciar no mercado de trabalho, esses jovens vêm surpreendendo empregadores e recrutadores por apresentarem dificuldades básicas ao mexer com computadores. [...] As dificuldades com computadores e ferramentas comuns como as do Pacote Office variam, mas, geralmente, são dificuldades com funções mais básicas ou com a própria aplicação dessas habilidades. “O grande desafio desses jovens é aplicar as funções de um programa no dia a dia, ou seja, saber como e quais funções aplicar para resolver situações do cotidiano de trabalho”, explica João Martins, sócio fundador da Hashtag Treinamentos, que oferece cursos de uso de Excel e programação. [...] Os jovens que ainda nem chegaram ao mercado de trabalho também enfrentam desafios. Daniel Proença é coordenador de Tecnologia Educacional no Colégio Presbiteriano Mackenzie Tamboré - Internacional e dá aulas para alunos do ensino médio, com idades entre 14 e 17 anos. O coordenador explicou que, apesar de sempre conectados, eles têm dificuldades com a tecnologia. “Embora muitas vezes vistos como “nativos digitais”, os jovens também enfrentam desafios ao interagir com plataformas tecnológicas”, diz Proença (Labate, 2024, s/p).

A reportagem, na íntegra, menciona que a dificuldade da geração da tecnologia de “[...] aplicar as funções de um programa no dia a dia, ou seja, saber como e quais funções aplicar para resolver situações do cotidiano [...]” (Labate, 2024, s/p) não se limita a estudantes do Ensino Médio, ela se estende a jovens do Ensino Superior.

A infrutífera tentativa de implementação do letramento digital apresenta vários fatores para sua inviabilidade, a começar pela precária infraestrutura tecnológica da escola, que possui somente uma sala de informática para atender a uma alta demanda da comunidade escolar; o pouco (ou a falta de) interesse da maioria dos estudantes pelos estudos em geral, incluindo o desinteresse em explorar as potencialidades dos recursos digitais (cf. Silva, 2024) a pouca carga horária da disciplina, no caso de História, para desenvolvimento de projetos, como o relatado acima, que necessitam de tempo para sua realização, certas deficiências na formação docente para trabalhar com as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), diante da célere evolução tecnológica, entre outros.

A falta de interesse político em investir na formação digital dos estudantes da educação básica, como um todo, contribui para a manutenção das redes de notícias falsas, as *Fake News* (Queiroz; Sanches, 2023), usadas para manipulação social, principalmente, para fins políticos, discursos de ódio usados para o cometimento de diversas violências que podem ocasionar a morte de indivíduo(s) de determinados grupos comumente estereotipados na sociedade, *bullying* virtual (*cyberbullying*)¹⁰, entre outros. O analfabetismo digital é tão prejudicial quanto o

¹⁰ O *bullying* é uma forma de agressão física, verbal e psicológica que se mostra sistemática e contínua, fazendo com que um indivíduo ou um grupo ataque sistematicamente uma vítima com base em sua

aparência ou no seu comportamento, que em geral não está enquadrado no padrão de normalidade estabelecido pelo grupo social. O *cyberbullying*, por sua vez, é a extensão da prática do *bullying* do ambiente físico para o plano virtual (Porfírio, s.d., s/p, grifos nossos).

analfabetismo funcional e político nesta era da informação e comunicação digital.

Considerações Finais

O fato de um indivíduo ter nascido em pleno *boom* tecnológico não faz dele automaticamente *expert* da tecnologia. Assim como outros campos do conhecimento, a tecnologia, que não se limita a recursos digitais, precisa ser ensinada em espaços formais de educação, não excluindo os informais. Os adolescentes, não excetuando as demais faixas etárias, precisam aprender a utilizar os recursos tecnológicos com propriedade aproveitando ao máximo suas potencialidades.

Maniqueisticamente falando, as tecnologias digitais, em especial as redes sociais digitais, possuem enorme capacidade tanto para o bem como para o mal. Diga-se de passagem, elas têm sido eficientemente usadas, sobremaneira, para o mal, haja vista a disseminação de *fake news*, discursos de ódio, *cyberbullying*, entre outros. Essas práticas são antigas, mas, com o advento da internet, foram potencializadas, tornando-se extremamente nocivas à sociedade, para não dizer ao ordenamento sociopolítico, quiçá econômico. A escola precisa, por mais desafiador que seja, acompanhar os avanços tecnológicos e preparar os discentes para utilizá-los com discernimento.

Por mais satisfatório e relevante que seja relatar as experiências bem-sucedidas realizadas no âmbito do Programa Residência Pedagógica, é imprescindível relatar também as experiências malsucedidas para promover a reflexão acerca dos fatores que ocasionaram isso. No caso do presente relato, é preciso se debruçar, de preferência, sobre a ausência da temática letramento digital nos espaços formais de ensino (não excluindo os informais) no debate público, especialmente nos espaços de poder municipal, estadual e federal e a falta de uma política pública

de educação estruturada para preparar os estudantes para a sociedade digital, que não é uma promessa do futuro, mas uma realidade do presente. A reflexão que deve nos guiar, como educadores(as), é a quem e a quais propósitos o analfabetismo digital tem servido.

Referências

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da história, ou, o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077/10270>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História Pública**: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em: 15 mar. 2024.

FIRPO, Sergio Pinheiro; PIERI, Renan Gomes de. Avaliando os efeitos da introdução de computadores em escolas públicas brasileiras. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 11, p. 153-190, 2012.

GOULART, Cecília M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. **Bakhtiniana**, v. 9, n. 2, p. 35-51, 2014.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 04, n. 01, p. 01-17, 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

LABATE, Alice. “Geração Digital” tem dificuldade ao usar computadores e enfrenta desafios no mercado de trabalho. **O Estado de São Paulo** (online), São Paulo, 04 mar. 2024. Cultura Digital. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/geracao-digital-tem-dificuldade-ao-usar-computadores-e-enfrenta-desafios-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

LEMOS, Silvana. Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola. **Boletim Técnico do Senac**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 38–47, 2009. Disponível em: <https://senacbts.emnuvens.com.br/bts/article/view/236>. Acesso em: 3 abr. 2024.

LIMA NETO, Newton Vieira; CARVALHO, Alexandra Bittencourt de. Letramento digital: breve revisão bibliográfica do limiar entre conceitos e concepções de professoras e de professores. **Texto Livre**: linguagem e tecnologia. Belo Horizonte, v.15, n. 40207, 11 p., out.

2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2022.40207>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência Histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 55-58.

MARRERA, Fernando Milani; SOUZA, Uirys Alves de. A tipologia da consciência histórica em Rüsen. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, p. 1069-1078, 23 ago. 2013 - Edição Especial.

PISCHETOLA, Magda; HEINSFELD, Bruna Damiana. "Eles já nascem sabendo!": desmistificando o conceito de nativos digitais no contexto educacional. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 16, n. 1, 2018.

PORFÍRIO, Francisco. "Cyberbullying"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em: 27 mar. 2024.

QUEIROZ, Arthur Cacator; SANCHES, Wagner. O impacto das *fake news* no âmbito político. **Revista FT** (online), Rio de Janeiro, v. 28, n. 128, 08 nov. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-impacto-das-fake-news-no-ambito-politico/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Jane Santos da; SILVA JÚNIOR, Diomário; CARMO, Fabíola Fortes Roldan; PIRES, Raphael do Espírito Santo Mello e. Letramento digital: desafio à formação docente. **Em Rede: Revista de Educação à distância**, v. 7, n. 2, p. 15-29, jul./dez. 2020.

SILVA, Camila da. Abandono escolar atinge recorde histórico entre crianças e adolescentes do Ensino Fundamental, mostra IBGE. **Carta Capital**. São Paulo, 22 mar. 2024. Educação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/abandono-escolar-atinge-recorde-historico-entre-criancas-e-adolescentes-do-ensino-fundamental-mostra-ibge/>. Acesso em: 26 mar. 2024.